

A caracterização da educação a distância no Especial da Folha.com

The characterization of distance learning in the Special Section of Folha.com

Edison Trombeta de OLIVEIRA¹

Nadia Rubio PIRILLO²

Resumo

A educação a distância (EaD) está em expansão e tem ganhado destaque na mídia. Um exemplo é o Especial sobre EaD publicado pela *Folha.com*. O objetivo deste artigo é verificar se as características atribuídas à EaD no Especial estão em consonância com os ditos dos autores revisados. Por meio da Análise de Conteúdo, 16 materiais foram categorizados de acordo com as seguintes características: aprendizagem ao longo da vida; sistemas “ensinantes”; estudante usuário e a pedagogia da pesquisa; educação como mercadoria. Verificou-se que a aprendizagem ao longo da vida é sustentada por discursos de superação e persistência; os sistemas “ensinantes” são relacionados aos ambientes virtuais de aprendizagem; a característica estudante usuário e pedagogia da pesquisa é explorada como aprendizagem autônoma um tanto quanto distorcida; e educação como mercadoria é trazida tanto como a aceitação da EaD no mercado quanto como um serviço para venda e que deve ter autossustentabilidade financeira.

Palavras-chave: Educação a Distância. Mídia. Análise de Conteúdo.

Abstract

Distance learning is expanding and has gained increasing prominence in media. An example is the Special Section about Distance Learning published by *Folha.com*. This paper aims to verify if the characteristics referred to Distance Learning are in line with the perspectives proposed by the authors reviewed. Using Content Analysis, 16 news were categorized according to the following characteristics: lifelong learning, “instructional” systems; student-user and pedagogy of research; education as a commodity. It was found that lifelong learning characteristic was identified by some concepts such as “resilience” and “persistence”; “instructional” systems are usually related to strategies applied to the Learning Management Systems; student-user and

¹ Doutorando (USP) em Educação. Designer Instrucional na Universidade Virtual do Estado de São Paulo (UNIVESP). E-mail: edisontrombeta@gmail.com

² Mestra em Comunicação (UNESP). Designer Instrucional na Universidade Virtual do Estado de São Paulo (UNIVESP). E-mail: nadia_pirillo@yahoo.com.br

pedagogy of research characteristic was usually noticed as self-directed learning, although it was identified a mistaken concept of autonomy; education as a commodity was usually referred as the acceptance of Distance learning by job market or as a commodity that has to be sold and, for that reason, need to be financial self-sustainability.

Keywords: Distance learning. Media. Content Analysis.

Introdução

A educação a distância (EaD) é reconhecida como modalidade educacional no Brasil desde 2005, por meio do Decreto Federal 5622, que alterou a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Na EaD, a mediação ocorre por meio da utilização da tecnologia da informação e da comunicação, de forma que estudantes e professores possam desenvolver atividades em lugares e/ou tempos diferentes (BRASIL, 2005).

Nos últimos anos, as taxas de matrícula em cursos de graduação realizados na modalidade a distância vêm crescendo. Dados do Censo da Educação Superior 2014, revelam que a EaD já representa uma participação de 17,5% das matrículas da educação superior, atingindo 1,34 milhão de alunos (BRASIL, 2015).

Considerando esses dados, é razoável supor que cresce também a demanda da população por informações sobre essa modalidade. Os próprios veículos de comunicação começam a dar mais destaque para a EaD em suas publicações. É o caso, por exemplo, da *Folha.com*, que em agosto de 2015 produziu um Especial sobre Educação a Distância³.

O objetivo deste artigo, assim, é verificar se as características atribuídas à modalidade nesse Especial coincidem com as características atribuídas a EaD conforme embasamento explicitado a seguir. Para fundamentação teórica, utilizam-se autores que discorrem sobre a natureza e o público da EaD, especialmente Belloni (2015), que aponta as seguintes características da EaD: aprendizagem ao longo da vida; sistemas “ensinantes”; estudante usuário e pedagogia da pesquisa; e educação como mercadoria.

Para atingir o objetivo proposto, utilizou-se como metodologia a Análise de Conteúdo (AC) de Bardin (2007). Os métodos e técnicas empregados foram

³ <http://www1.folha.uol.com.br/especial/2015/ensino-a-distancia/>

estruturados em cinco etapas, a saber: organização do *corpus* de análise; codificação; categorização; inferência e tratamento qualitativo dos dados. O *corpus* de análise é constituído das notícias e infográficos que compõem o Especial sobre Educação a Distância da *Folha.com*. Ao final, discutem-se os resultados alcançados.

Características da educação a distância

Embora sem consenso, Peters (2006, p. 48) aponta como início da EaD as cartas enviadas por Platão para divulgar seus conhecimentos, bem como as de Paulo aos romanos com conteúdos da doutrina cristã. “Depois da introdução do ensino obrigatório universal, ampliou-se o círculo daqueles que faziam uso da correspondência. Nos meados do século XIX, ela se tornou - inicialmente em nível mais baixo de ensino - a ponte entre muitos docentes [...]”. Mas apenas nas últimas décadas ela passou a ser objeto da pedagogia.

A EaD avançou pelos jornais, rádio e televisão, até culminar com a internet e as Novas Tecnologias de Informação e Comunicação. A EaD serviu, de início, a cursos com finalidades técnicas e imediatas, como datilografia e ensino de línguas. Com o tempo, a modalidade ganhou reconhecimento e já há doutorados a distância no mundo, e mestrados profissionais no Brasil.

Há diversos autores do campo da educação que já trabalham com o conceito e as características da modalidade e dos sujeitos que a compõem (alunos, professores etc). Peters (2012) discorre sobre a natureza da EaD que abarca pontos como o objetivo humanitário especial, no qual se inclui a educação de minorias e a possibilidade da educação continuada.

Já Holmberg (2003) aponta três grandes características da EaD: é voltada a aprendizes individuais que não podem ou não querem estudar presencialmente; é guiada e suportada por meios não contíguos; e tem como centro as relações pessoais bem como a empatia entre os alunos e aqueles que representam a organização escolar.

No entanto, este trabalho adota a perspectiva de Belloni (2015), que afirma existir uma gama de características que costumam delimitar o público da EaD, especialmente pela influência da sociedade contemporânea e do neoliberalismo. São fatores como o fortalecimento da presença da tecnologia na vida dos sujeitos e trabalho

mais precário, com mobilidade e que exige a adaptação a novas situações. “Em suma, [essa sociedade requer] um trabalhador mais informado e mais autônomo” (BELLONI, 2015, p. 41).

Em específico, Belloni (2015) delimita as seguintes características nesse processo de ensino-aprendizagem, que se refletem, evidentemente, no próprio perfil do aluno: aprendizagem ao longo da vida; sistemas “ensinantes”; estudante usuário e pedagogia da pesquisa; e educação como mercadoria, todos descritos nos parágrafos seguintes.

A aprendizagem ao longo da vida, ou *lifelong learning*, tem ganhado forças nos últimos anos movida pela necessidade neoliberal do trabalhador estar sempre apto a aprender algo, uma aprendizagem contínua. Neste sentido, há dois lados a serem demarcados. Em primeiro lugar, a geração de demanda no mercado educacional tem origem também no discurso de que o trabalhador deve aprender o tempo todo (SANTOS FILHO; CHAVES, 2015, p. 95). Além disso, esta é uma demanda do sistema mundial, no qual a tecnologia muda com frequência e há demasiada troca de emprego, o que passa ao trabalhador a obrigação de provimento de “oportunidades de formação continuada tanto para atender às necessidades do sistema econômico, quanto para oferecer ao indivíduo oportunidades de desenvolver suas competências como trabalhador e cidadão, capaz de viver na sociedade de incertezas do século XXI” (BELLONI, 2015, p. 45).

Já os sistemas “ensinantes” tratam da interação reduzida entre professor e aluno, se comparada à educação presencial. Ademais, de acordo com Belloni (2015, p. 49), também modificam as condições de estudo “outros aspectos fundamentais dessa separação, como a ausência de contato com o ambiente da escola (acesso a bibliotecas, laboratórios etc.), o deslocamento do ambiente de estudo da escola para a casa e o isolamento com relação aos colegas [...]”. Esses sistemas podem envolver Ambientes Virtuais de Aprendizagem, que têm como característica principal gerir e integrar o conteúdo disponibilizado para os alunos, as atividades, a participação e o desempenho do aluno (FILATRO; CAIRO, 2015). O sistema em si parece ser o fator “ensinante” às vistas do aluno – embora saiba-se do trabalho educacional existente, que envolve profissionais como docentes e de Design Instrucional. Faz parte desse sistema “ensinante” novas necessidades presentes no campo da Interação Humano-Computador

(IHC) que potencializam e maximizam a experiência do usuário (GRILO; GUSMÃO; ANDRUCHAK, 2016).

Ao se destacar o estudante usuário e a pedagogia de pesquisa, integra-se as duas categorias já citadas: aprendizagem ao longo da vida e sistemas “ensinantes”. Isso porque se o sistema é “ensinante”, o estudante, com demandas distintas daquele da educação presencial, passa a ser um usuário do conhecimento ali inserido com a intencionalidade pedagógica para se atingir certos objetivos educacionais. Por outro lado, o termo “pedagogia de pesquisa” implica em autonomia, em aprender a aprender – o que, em concordância com Nicolau e Nicolau (2014, p. 9), refere-se a autoaprendizagem, “uma nova postura da parte de quem estuda e planejamento de ações educacionais que levem o aluno a essa postura”. Relaciona-se a isso o conceito de *lifelong learning* de Novak (2010), para quem a meta-aprendizagem – a capacidade de refletir sobre como se aprende, aprender a aprender – passa a ser um papel das instituições de ensino tanto quanto os conteúdos construídos pela humanidade. Belloni (2015, p. 49) ressalta, entretanto, que esta é uma demanda, e não necessariamente uma realidade nas vidas dos estudantes: “O conceito de aprendizagem autônoma implica uma dimensão de autodireção e autodeterminação no processo de educação que não é facilmente realizada por muitos estudantes típicos da EaD”.

Por fim, a educação como mercadoria tem sido imposta pelo neoliberalismo, que cria a demanda por mais profissionais formados e transforma o setor educacional em mercado, diminuindo o papel do Estado e aumentando a globalização mercantil. Assim, a expansão da EaD, especialmente no setor privado, tem como justificativa certa “exaustão da oferta de cursos presenciais [...], o que remeteu a fração da burguesia brasileira que detém essa fatia de mercado à busca de novos espaços para a expansão e realização de seus lucros” (MANCEBO; VALE; MARTINS, 2015, p. 41). Belloni (2015, p. 52) completa que “a importância do setor privado nesse campo tende a crescer na mesma medida do aumento das demandas, por meio do investimento na diversidade e sofisticação de seus produtos e da criação de um mercado global e competitivo para as instituições de EaD”.

Considerando os pontos característicos da modalidade a distância indicados por Belloni (2015) apresentados nesta revisão, buscou-se verificar se o Especial da

Folha.com sobre Educação a Distância está em consonância com essa perspectiva, utilizando-se a AC sob a ótica de Bardin (2007), conforme a seguir.

Materiais e métodos

O Especial sobre Educação a Distância da *Folha.com* é o *corpus* deste trabalho. A análise, de cunho qualitativo, está dividida em cinco etapas de acordo com as proposições de Bardin (2007): organização do *corpus* de análise; codificação; categorização; inferência e tratamento qualitativo dos dados.

Na primeira etapa da análise, a de organização, Bardin (2007) sugere uma leitura flutuante do material a ser analisado, com o objetivo de conhecer o texto e se deixar invadir por impressões e orientações. Para esta etapa, a autora propõe algumas regras: exaustividade, homogeneidade e pertinência na seleção e organização do *corpus*. Seguindo essas premissas, tomou-se o cuidado de selecionar todas as notícias publicadas no Especial sobre Educação a Distância da *Folha.com*, incluindo os infográficos que foram encontrados. O material que compõe o *corpus* é apresentado na Tabela 1:

Tabela 1: *Corpus* de análise

	Data	Título da matéria	Tipo	Link
1	30/07/2015	Professor virtual precisa dar 'show' sem ver a resposta do público	Notícia	http://www1.folha.uol.com.br/educacao/2015/07/1661669-professor-de-aula-virtual-sofre-com-camera-e-falta-de-retorno-dos-alunos.shtml
2	30/07/2015	3ª geração de domésticas, Mayla fez faculdade on-line e já visa o mestrado	Notícia	http://www1.folha.uol.com.br/educacao/2015/07/1660937-filha-e-neta-de-empregada-faz-curso-a-distancia-e-vira-tutora-on-line.shtml
3	30/07/2015	Mãe de crianças pequenas segue seu sonho estudando engenharia on-line	Notícia	http://www1.folha.uol.com.br/educacao/2015/07/1662095-com-filha-pequena-tecnica-faz-aula-on-line-para-realizar-sonho-de- virar-engenheira.shtml
4	30/07/2015	Tudo pode ser ensinado pela tela, mas aula prática depende de supervisão	Notícia	http://www1.folha.uol.com.br/educacao/2015/07/1661681-tudo-pode-ser-ensinado-pela-tela-

				mas-treinamento-dependede-supervisao.shtml
5	30/07/2015	Educação a distância deve ter novas diretrizes e se aproximar da presencial	Notícia	http://www1.folha.uol.com.br/educacao/2015/07/1661682-governo-debate-regras-para-aproximar-educacao-a-distancia-da-presencial.shtml
6	30/07/2015	Nova geração de recrutadores quebra resistência contra graduação on-line	Notícia	http://www1.folha.uol.com.br/educacao/2015/07/1661653-chegada-da-geracao-y-a-gestao-diminui-preconceito-com-graduados-a-distancia.shtml
7	30/07/2015	Veja a evolução dos cursos a distância, da correspondência ao computador	Notícia	http://www1.folha.uol.com.br/educacao/2015/07/1662162-provade-historia-a-evolucao-do-ensino-a-distancia-da-carta-ao-computador.shtml
8	30/07/2015	Entidades de classe criticam cursos a distância, e especialistas defendem	Notícia	http://www1.folha.uol.com.br/educacao/2015/07/1661676-cursos-praticos-a-distancia-usam-tutores-e-videos-para-ajudar-aluno.shtml
9	30/07/2015	Da correspondência à internet	Infográfico	http://arte.folha.uol.com.br/educacao/2015/07/30/historia-do-ensino-a-distancia/
10	30/07/2015	Novas regras para educação a distância no Brasil	Infográfico	http://arte.folha.uol.com.br/especiais/2015/07/30/novas-regras-ead/
11	30/07/2015	Metodologias usadas nas disciplinas práticas	Infográfico	http://arte.folha.uol.com.br/especiais/2015/07/30/ead_tecnicas_praticas/
12	31/07/2015	Com 'seca' no Fies, ensino virtual crescerá mais, dizem consultores	Notícia	http://www1.folha.uol.com.br/educacao/2015/07/1662580-com-seca-no-fies-ensino-virtual-crescera-mais-dizem-consultores.shtml
13	01/08/2015	De aulas livres a doutorado: saiba que tipo de curso a distância é para você	Notícia	http://www1.folha.uol.com.br/educacao/2015/08/1662958-de-aulas-livres-a-doutorado-saiba-que-tipo-de-curso-a-distancia-e-para-voce.shtml
14	02/08/2015	Educação a distância deixa claro desafio por ensino em rede	Notícia	http://www1.folha.uol.com.br/educacao/2015/08/1662979-ead-deixa-claro-desafio-para-o-pais-adotar-educacao-aberta-e-em-rede.shtml

15	03/08/2015	Graduação on-line dispara no país, mas antigos problemas persistem	Notícia	http://www1.folha.uol.com.br/educacao/2015/08/1663142-graduacao-on-line-dispara-no-pais-mas-antigos-problemas-persistem.shtml
16	03/08/2015	Da roça ao diploma: Flávia trocou a costura por curso de pedagogia on-line	Notícia	http://www1.folha.uol.com.br/educacao/2015/08/1660938-da-roca-a-ufmg-mineira-curso-pedagogia-on-line-e-sonha-em-ser-professora.shtml

Fonte: elaborada pelos autores

Após a seleção do *corpus*, os momentos seguintes da análise foram a codificação e a categorização. Optou-se pelo método de análise categorial, que trata do desmembramento do discurso em categorias. Bardin (2007, p. 39) define este método como “espécie de gavetas ou rubricas significativas que permitem a classificação dos elementos de significação constitutivos da mensagem”.

Para essa etapa, criou-se uma tabela analítica com as categorias identificadas durante a revisão da literatura: aprendizagem ao longo da vida; sistemas “ensinantes”; estudante usuário e pedagogia da pesquisa; e educação como mercadoria, como pode-se verificar na seção seguinte. Por organização, utilizou-se os mesmos números que foram colocados na Tabela 1 para identificar cada uma das notícias/infográficos do *corpus*. Observou-se, nessa fase, que uma mesma notícia/infográfico poderia se encaixar em mais de uma categoria. Nos casos em que isso ocorreu, marcou-se todas as categorias identificadas. Por meio das inferências obtidas, partiu-se para a análise qualitativa dos dados. Os resultados são descritos e discutidos na seção que segue.

Resultados e discussão

Apresenta-se na Tabela 2 os resultados da análise do *corpus*, após as etapas de codificação e categorização.

Tabela 2: Análise do *corpus*

	Aprendizagem ao longo da vida	Sistemas “ensinantes”	Estudante usuário e pedagogia da pesquisa	Educação como mercadoria
1		X		X
2	X			
3	X		X	
4		X		
5				X
6			X	X
7	X	X		
8		X	X	X
9	X	X		
10		X		X
11		X	X	
12				X
13	X			X
14	X	X	X	X
15	X	X	X	X
16	X		X	

Fonte: elaborada pelos autores

As inferências geradas são discutidas à luz da literatura revisada, levando à discussão dos resultados.

Sobre aprendizagem ao longo da vida: Essa característica foi verificada nas notícias 2, 3, 7, 9, 13, 14, 15, 16. Um dos pontos que chamaram a atenção nelas é a seleção dos entrevistados para representar o perfil do aluno EaD: uma mãe de crianças pequenas na notícia 3 e uma empregada doméstica na notícia 2, por exemplo. Essa seleção reforça a imagem de que o público-alvo da EaD é formado majoritariamente por pessoas que já estão no mercado de trabalho e, a partir daí, precisam se qualificar para

crescimento no atual emprego ou necessitam estar preparadas para sair dele em busca de novas oportunidades, para “enfrentar sua vida em sociedade” (BELLONI, 2015, p. 45). Essas pessoas costumam ter idade mais elevada em relação aos estudantes da educação presencial, bem como menos tempo disponível para os estudos. Isso pode ser visto claramente, por exemplo, em trecho da notícia 14: “Pode-se destacar que essa modalidade, de modo geral, atende a um público composto, normalmente, de trabalhadores [...]”. Outro excerto que exemplifica o perfil do aluno EaD como um público mais maduro e com responsabilidades diversas além dos estudos pode ser observado na notícia 3: “Minha motivação principal de fazer EaD é não deixar meus filhos. E, também, não ter obrigação de estar na faculdade todos os dias”.

Além disso, a forma como o texto dessas notícias foi construído deu foco a aspectos como “superação” e “persistência”, como pode ser observado no seguinte trecho da notícia 2: “Terceira geração de empregadas domésticas, Mayla Valentin Gonçalves, 40, começou a trabalhar aos 11 anos e só estudou até a sétima série. Graças ao ensino a distância, conseguiu se formar em serviço social entre uma gravidez e outra e mudou de profissão”. Esses aspectos também podem ser verificados no seguinte trecho da notícia 16: “Serei a primeira da minha família a se formar. Meu pai e minha mãe são semi-analfabetos. Meus irmãos só têm o ensino fundamental”. A este respeito, Peters (2012, p. 69) afirma que a educação a distância revela uma atitude pedagógica que permite “a extensão da educação universitária a adultos e pessoas com obrigações profissionais e familiares, ao objetivo de realizar a aprendizagem permanente [...]”.

Por fim, ainda é possível observar que a EaD pode possibilitar a vontade de continuar os estudos. Assim, a modalidade pode se delimitar tanto como algo que gera a vontade pelo estudo quanto uma opção de educação permanente, como se pode ver no seguinte excerto, da notícia 3: “Ainda vou buscar minha pós-graduação em segurança do trabalho para poder atuar como perita”. Este fator está presente mais enfaticamente ainda na notícia 13, cujo título é “De aulas livres a doutorado: saiba que tipo de curso a distância é para você”. Assim, a notícia descreve todos os níveis de educação existentes na modalidade, explicando ser possível fazer graduação, pós-graduação, cursos livres, entre outros, sempre por meio da EaD. Tal observação está em concordância com Peters (2006, p. 191), que aponta a necessidade da distribuição da educação não apenas pela

infância e pela juventude, mas durante “a educação escolar, a educação profissional e a formação complementar de modo novo ao longo do ciclo de vida”.

Sobre sistemas “ensinantes”: As notícias em que essa característica foi verificada são as de número 1, 4, 7, 8, 9, 10, 11, 14 e 15. Este fator delimita, assim, a importância que se dá aos termos tecnológicos do ensino, sem esquecer da questão educacional aí presente. A notícia 1, por exemplo, traz um trecho que ilustra a preocupação de docentes com a aprendizagem de um aluno que não está próximo fisicamente: “De acordo com especialistas ouvidos pela Folha, dar a aula sem saber se o estudante entendeu ou não a matéria é o maior desafio do docente a distância”. Dessa forma, a concepção de cursos nos quais o aluno sinta-se amparado pelo docente passa pelo desenvolvimento de ambientes virtuais de aprendizagem que promovam a interação contínua entre alunos, professores e mediadores. Esse é, aliás, segundo Belloni (2015, p. 48), o primeiro grande desafio das instituições provedoras de educação a distância, porque elas precisam estar atentas “mais a questões de ordem socioafetiva do que a conteúdos ou métodos de cursos; mais a estratégias de contato e interação com estudantes do que a sistemas de avaliação e de produção de materiais”. Para criar estratégias de interação, as instituições de ensino geralmente contam com equipes multidisciplinares que organizam e gerenciam os AVA de forma a disponibilizar ferramentas de colaboração e cooperação que estimulem a participação e a troca de ideias no ambiente. Filatro (2008, p. 107) sintetiza esse desafio ao afirmar que “no aprendizado eletrônico, a interação não acontece por acaso. Ela precisa ser intencionalmente planejada e ser expressa visual e funcionalmente na interface do curso ou unidade de aprendizagem”.

Para além da preocupação com os ambientes virtuais de aprendizagem, pesa às instituições de ensino superior planejar atividades presenciais, uma vez que este é um fator a ser considerado na “separação física do contexto convencional de sala de aula” (BELLONI, 2015, p. 49). Sabe-se que a legislação brasileira exige momentos presenciais para os cursos a distância, como a realização de provas e outros eventos. Esse fator pode ser observado, por exemplo, na notícia 8, que já começa com o trecho “Não é porque um curso é a distância que o aluno não põe a mão na massa. Aulas práticas, visitas técnicas e estágios fazem parte do currículo”. De forma semelhante, a notícia 14 discute a necessidade da presencialidade: “No Brasil, outra característica

complementa a definição de educação a distância: os constantes encontros presenciais que, por definição, podem ser chamados de semipresenciais, o que indica uma dependência entre essa e a educação tradicional”. Peters (2012, p. 276) já define como “universidade virtual do futuro” aquela que se baseia “nas seguintes três formas básicas de aprendizagem acadêmica: (1) autoinstrução orientada e independente, (2) estudos baseados na rede e (3) debates científicos e interações sociais em situações face a face”.

Sobre estudante usuário e a pedagogia de pesquisa: Essa característica, que está intimamente ligada às metodologias e tecnologias utilizadas na educação a distância, foi verificada nas notícias 3, 6, 8, 11, 14, 15, 16. Em relação às metodologias, percebe-se o foco na questão da aprendizagem autônoma e ativa, o que leva ao conceito de “pedagogia da pesquisa”. Porém, parece haver uma tendência a se considerar a “autonomia” como sinônimo de “solidão”, ou seja, o aluno autônomo é aquele que estudaria sozinho. Esse fator fica muito claro na notícia 16, quando a entrevistada coloca: “Tenho um perfil autodidata, quase sempre estudei sozinha, mas mesmo assim não é fácil (...). Tem que ter organização e disciplina”. Entretanto, essa concepção é colocada à prova na notícia 14, que traz, além dessa diferenciação, outras metodologias aplicadas à EaD: “em termos pedagógicos se fundamenta na colaboração, na flexibilidade, na autonomia - sem que o estudante fique sozinho -, na interatividade, na interação, na diversificação de materiais, entre outros pontos”. Essa diferenciação é corroborada por Peters (2006, p. 95), que defende que a aprendizagem autônoma deve ir além de uma particularidade técnico-organizacional, mas ser compreendida também em sua dimensão didática: “estudantes são autônomos [...] quando eles mesmos reconhecem suas necessidades de estudo, formulam objetivos para o estudo, selecionam conteúdos, projetam estratégias de estudo, arranjam materiais e meios didáticos, identificam fontes humanas e materiais adicionais e fazem usos delas, bem como quando eles próprios organizam, dirigem, controlam e avaliam o processo de aprendizagem”.

Em relação aos aspectos tecnológicos, deve-se pensar no que se refere ao uso intencional pedagógico de ferramentas e outros suportes à educação a distância, uma vez que, segundo Belloni (2015), os alunos dessa modalidade costumam ter, entre outras características, rejeição a métodos de simples transmissão de conhecimento, exigência de rápido retorno de informação, necessidade de encontros presenciais (entre

alunos e entre alunos e mediadores/tutores), vontade de encontrar cursos feitos de acordo com suas próprias necessidades e ansiedade no que se refere aos aspectos avaliativos. Tudo isso, ainda segundo a autora, aponta para a necessidade de se ter “humanos” envolvidos no processo, e não apenas instruções “empacotadas”, de forma que a tecnologia empregada possibilite, entre outras coisas, relacionamento interpessoal e discussões. Assim, um trecho da notícia 8 pode exemplificar esse ponto: “Alunos de engenharia ambiental da Universidade Federal de São Carlos, por exemplo, vão duas vezes ao mês aos laboratórios de física, química e biologia. E têm acesso a jogos e simuladores para praticar em casa”. O material 11, por sua vez, aponta diversas ferramentas e tecnologias, como fotografias, visitas aos polos presenciais e simuladores, cujo uso intencional intenta atingir a este novo perfil do público da EaD.

Sobre educação como mercadoria: As notícias 1, 5, 6, 8, 10, 12, 13, 14 e 15 mostraram essa característica, que está atrelada, segundo Belloni (2015), à imaterialidade e virtualidade em relação à circulação de todo tipo de mercadoria, o que tornou mais fácil sua veiculação em escala global. Dessa forma, a aprendizagem aberta tem se transformado em uma mercadoria exportável sob diversas formas, entre as quais estão os cursos online abertos e massivos (MOOC, na sigla em inglês) e a oferta de cursos de rápida formação em diversas áreas do conhecimento. Entretanto, maior quantidade de cursos não significa necessariamente maior qualidade. Destaca-se, por exemplo, o seguinte trecho da notícia 15: “em meio a esse crescimento, muitos de seus antigos problemas persistem: falhas na fiscalização, poucas vagas na rede pública e falta de acesso à infraestrutura de conexão à internet no país [...]”. Isso leva à necessidade de estabelecer novas regras para a educação a distância, como as que são apresentadas no material 10: regulação de forma a articular cursos virtuais e presenciais, ferramentas abertas por meio de licenças livres, função de tutoria bem delimitada, material didático detalhado, além de atividades de pesquisa e extensão nos polos.

Outros pontos importantes quando se fala de educação como mercadoria são a importância que se dá à “aceitação do produto/serviço no mercado” e a “forma de pagamento”. Isso porque, especialmente a partir da entrada dos conglomerados educacionais na Bolsa de Valores, é necessário mostrar a potencialidade de retorno e sustentabilidade financeira da instituição (VALE; CARVALHO; CHAVES, 2014). A aceitação frente ao mercado pode ser verificada, por exemplo, na notícia 6, que traz o

seguinte trecho elucidativo: “Segundo dez consultores de carreiras entrevistados pela Folha, o preconceito com os graduados via computador cai à medida que nascidos desde a década de 80 e mais acostumados a recursos tecnológicos se tornam responsáveis por contratações”. Ou seja: por esta ótica, a finalidade da educação superior é apenas o mercado de trabalho, e este já tem aceitado os formados por educação a distância com menos resistência. Já sobre a possibilidade de pagamento pela educação, a notícia 12 é representativa: “Com o endurecimento das regras do Fies (Fundo de Financiamento Estudantil), do governo federal, estudantes de classes C, D e E começam a olhar a modalidade como uma opção mais econômica para cursar ensino”. Assim, o governo, por meio de incentivos fiscais e outras formas de fomento, possibilita o ingresso na educação a distância particular, de forma, mesmo que indireta, a consolidar este campo.

Por fim, cabe ressaltar que, de forma geral, pôde-se perceber que o conteúdo analisado não dá destaque a um ponto principal: a característica estudante usuário e pedagogia da pesquisa ocorreu em sete notícias; aprendizagem ao longo da vida, em oito; e sistemas “ensinantes” e educação como mercadoria, em nove.

Considerações finais

O objetivo deste trabalho foi analisar o Especial Educação a Distância da *Folha.com* a fim de se verificar se as características atribuídas à modalidade EaD coincidem com as com aquelas apontadas pelo embasamento teórico da área, em especial as categorias de Belloni (2015): aprendizagem ao longo da vida; sistemas “ensinantes”; estudante usuário e pedagogia da pesquisa; e educação como mercadoria.

Assim, foi possível identificar, após a análise de um universo de 16 materiais (entre notícias e infográficos), que as categorias elencadas estão fortemente presentes nas divulgações. Ficou claro, neste sentido, que a aprendizagem ao longo da vida é sustentada por discursos como “superação” e “persistência”. Discursos, esses, que foram amparados, tanto pela seleção dos entrevistados para representar o perfil do aluno EaD, quanto pela seleção das falas desses entrevistados. Por sua vez, a questão dos sistemas “ensinantes” é costumeiramente relacionada à “criação de estratégias para os ambientes virtuais de aprendizagem”, de forma que exista uma intencionalidade planejada que colabore com a interação entre todos os envolvidos no processo

educacional. Já a característica estudante usuário e pedagogia da pesquisa é explorada, em geral, por meio de falas como “aprendizagem autônoma”, embora se note uma conceituação, geralmente, equivocada de autonomia em muitas matérias, que a associaram mais ao aspecto técnico-organizacional do que em sua dimensão didática. Por fim, educação como mercadoria é costumeiramente trazida por meio de dois focos: primeiro, “aceitação da EaD no mercado”, ou seja, relaciona-se à forma como as empresas enxergam um profissional formado por essa modalidade; segundo, a educação a distância enquanto um serviço a ser vendido e que, por isso, é pago e precisa ter sustentabilidade financeira.

Por ser uma modalidade em expansão, é razoável crer, até mesmo pelo exemplo dado por este estudo, que tanto a *Folha.com* quanto outros meios de comunicação no Brasil e no mundo deem cada vez mais visibilidade para a educação a distância em suas publicações. Por essa razão, estudos nesse sentido fazem-se necessários para debater outros pontos relevantes não cobertos neste trabalho, como a relação de interesses que pode existir entre o mercado da educação a distância e o jornalístico, bem como o papel da mídia na construção do imaginário do público com relação à modalidade. Inclusive, tendo em vista certo preconceito ainda existente no Brasil com relação a EaD, as pesquisas que abarquem a recepção da notícia passam a ter, além da já forte relevância acadêmica, uma importância social muito valiosa.

Referências

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 2007.

BELLONI, M. L. **Educação a distância**. Campinas: Autores Associados, 2015.

BRASIL. Decreto n. 5622, de 19 de dezembro de 2005. Regulamenta o art. 80 da Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 2005. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2005/decreto/d5622.htm>. Acesso em: 14 mar. 2016.

BRASIL, Ministério Da Educação [MEC]. **Censo da educação superior 2014**. Brasília, DF, 2015. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=28571-apresentacao-censo-superior-imprensa-04-12-2015-pdf&Itemid=30192>. Acesso em: 14 mar. 2016.

FILATRO, A. **Design instrucional na prática**. São Paulo: Pearson, 2008.

FILATRO, A.; CAIRO, S. **Produção de conteúdos educacionais**. São Paulo: Saraiva, 2015.

GRILO, A.; GUSMÃO, E.; ANCRUCHAK, M. Design da informação em interfaces EaD: análise de variáveis visuais na plataforma *Veduca*. **Revista temática**, v. 12, n. 4, p. 96-107, abr. 2016. Disponível em: <<http://periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/tematica/article/view/28599/15264>>. Acesso em: 23 ago. 2016.

HOLMBERG, B. A Theory of Distance Education Based on Empathy. In: MOORE, M. G.; ANDERSON, W. G. (Eds.). **Handbook of distance education**. New York: Lawrence Erlbaum Associates, 2003.

MANCEBO, D.; VALE, A. A.; MARTINS, T. B. Políticas de expansão da educação superior no Brasil: 1995-2010. **Revista brasileira de educação**, v. 20, n. 60, p. 31-50, jan./mar. 2015. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbedu/v20n60/1413-2478-rbedu-20-60-0031.pdf>>. Acesso em: 15 dez. 2015.

NICOLAU, M; NICOLAU, R. Educação digital na cibercultura: para onde (não) nos leva a tecnologia. **Revista temática**, v. 10, n. 1, p. 1-15, jan. 2014. Disponível em: <<http://periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/tematica/article/view/20570/11370>>. Acesso em: 20 ago. 2016.

NOVAK, J. D. **Learning, creating, and using knowledge**: concept maps as facilitative tools in schools and corporations. New York: Routledge, 2010.

PETERS, O. **Didática do ensino a distância**. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2006.

PETERS, O. **A educação a distância em transição**. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2012.

SANTOS FILHO, J. R.; CHAVES, V. L. J. Financeirização e expansão do ensino superior privado-mercantil: uma análise dos incentivos públicos ao Grupo Ser Educacional (período de 2010-2014). In: SOUSA, J. V. **Expansão e avaliação da educação superior brasileira**: formatos, desafios e novas configurações. Belo Horizonte: Fino Traço/Faculdade de Educação da Universidade de Brasília, 2015.

VALE, A. A.; CARVALHO, C. A.; CHAVES, V. J. Expansão privado-mercantil e a financeirização da educação superior brasileira. In: CABRITO, B. et al. **Os desafios da expansão da educação em países de língua portuguesa**: financiamento e internacionalização. Lisboa: Educa, 2014.